

A POESIA PLURAL DE XOSÉ LOIS GARCÍA

XOSÉ LOIS GARCÍA'S PLURAL POETRY

Sirlei da Silva Fontoura

Unicentro

Resumo: O presente trabalho analisa a produção poética de Xosé Lois García, cujo *corpus* poético é vasto e abarca uma pluralidade de temáticas. Seus poemas tematizam, por exemplo, as guerras, as lutas, a violência contra o seu povo, contra a sua terra, contra a natureza, bem como o amor pelo povo galego, pela natureza, pelos amigos. Nesse sentido, a análise incide sobre um discurso de resistência que caracteriza um momento histórico da Galiza, o Franquismo, inscrevendo-se o autor na tradição da literatura engajada, por meio da constituição de um sujeito que denuncia de forma frontal os problemas sociais por meio da literatura. Os resultados indicam, portanto, que os seus poemas, até mesmo aqueles que expressam a amorosidade, a alegria, e o belo, por meio de versos delicados e singelos, podem ser lidos como instrumento de resistência ao estado autoritário qualquer que seja ele, em especial, aquele que oprimiu e ainda o povo galego, bem como toda a humanidade. Trata-se de um trabalho de análise crítico-analítica, embasado em material bibliográfico, de referencial teórico de crítica e análise literária, engajamento e literatura, dominação e resistência à luz de autores como Bosi (2002), Torres (2015), Denis (2002), Moura (2009).

Palavras-chave: Literatura Galega; Poesia; Resistência; Engajamento.

Abstract: This study intends to analyze Xosé Lois García's poetic production, whose poetic corpus is vast and includes a plurality of themes. His poems have as a theme, for instance, wars, battles, violence against his people and land, against nature, and the love for Galician people, for nature, for friends. In this way, the analysis is about a resistance speech, which talks about Galiza's historical moment, Francoism, that enrolls the author into committed literature tradition, through the building of an individual who directly informs the social problems through the literature. The results indicate that Garcia's poems, even those about love, happiness, and beauty using delicate and simple verses, can be read as an instrument of resistance to the authoritarian state, whatever it is, especially the one that has oppressed the Galician people, as well all the humankind. This is a critical-analytical study sustained by bibliographic support about literary criticism and analysis, engagement and literature, and domination and resistance, highlighted by Bosi (2002), Torres (2015), Denis (2002), Moura (2009).

Keywords: Galician Literature; Poetry; Resistance; Engagement.

Recebido em 08 de março de 2023.

Aprovado em 15 de dezembro de 2023.

Introdução

O presente artigo constitui parte da dissertação de Mestrado intitulada *Entre memória, história e política: lirismo e engajamento político-social na poética de Xosé Lois García*, defendida em 2016, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO/Guarapuava-PR), trabalho este que, em 2017, foi publicado em livro, intitulado *Entre memória, história e política: lirismo e engajamento na poética de Xosé Lois García*, pela editora Biblioteca Nike, na Galiza-Espanha.

O estudo objetivou analisar a produção poética do escritor galego Xosé Lois García, com ênfase nas dimensões histórica, política e social traduzidas esteticamente em suas obras. Por meio da leitura das obras literárias e da sua relação com motivações externas e memorialísticas, buscou-se compreender os traços formais da poética de um escritor que se inscreve na tradição da literatura engajada, uma vez que os seus poemas podem ser lidos, muitas vezes, como uma escrita de resistência ao estado autoritário, qualquer que seja ele, especialmente aquele que oprimiu (e ainda oprime) o povo da Galiza (FONTOURA, 2017).

Xosé Lois García dedica-se a vários gêneros literários. É um grande estudioso da realidade política e social, além de ativista cultural. Embora seja pouco conhecido no Brasil, é um escritor que representa um papel importante nos cenários literário e cultural galegos, motivo pelo qual se justifica o interesse pelo seu trabalho de elevada qualidade estética.

Filho de camponeses, nascido em 1945, durante a ditadura franquista, viveu boa parte da sua vida em uma Galiza camponesa, oprimida e desprezada pelos burgueses espanhóis, bem como impunemente agredida pelos falangistas e franquistas (TORRES, 2015). Nesse cenário, teve a sua infância marcada pelas dificuldades econômicas dos seus pais e, sobretudo, pela opressão social e política impostas às classes populares.

O seu labor literário teve início na década de 1970 com *Cancioneiro de Pero Bernal* (escrita em 1972, porém publicada em 1974 devido à censura franquista), *Borralleira para sementar unha verba* (1974) e *Non teño outra cantiga* (1975). Nestas e nas outras que vieram depois, os traços de solidariedade, de denúncia e sinais de identidade podem ser observados. Comprometido com as causas políticas e sociais, sua poesia pode ser lida como um espaço de resistência contra a barbárie da Guerra Civil Espanhola, contra os anos ditatoriais sob o comando do general Francisco Franco e contra

a hostilidade dos poderosos dirigida aos menos favorecidos socialmente e economicamente.

Nessa perspectiva, a partir dos contextos histórico, político, social e literário em que se inscreve García, o presente artigo objetiva explicitar a dimensão política traduzida esteticamente nos seus versos. A análise incide sobre um discurso de resistência inscrevendo-se o autor na tradição da literatura engajada, a partir da constituição de um sujeito que expressa uma denúncia social por meio da literatura (DENIS, 2002).

Para isso, o presente artigo está dividido em temáticas recorrentes em sua poética. Primeiramente, a terra das suas origens, a terra que acolhe tudo o que existe. Após, a violência contra o povo galego, contra a Galiza. Essa temática aparece de forma explícita, numa tentativa de denúncia das barbáries dos períodos de guerra e de ditadura. Em seguida, a língua dos seus antepassados, a sua língua materna que, apesar de toda transgressão e desvalorização, ainda resiste. Por fim, o amor, a fim de mostrar que os seus poemas não são somente de combate e de denúncia, mas também líricos, amorosos, singelos, embora mesmo assim, possam ser lidos, muitas vezes na chave da resistência.

1. A terra

Em Xosé Lois García, inúmeros são os poemas que exaltam a sua terra natal. Ele mesmo afirma que os poetas galegos nunca deixaram de cantar a autenticidade de uma terra, de uma nação como é a Galiza (GARCÍA, 2005). Conhecedor e admirador das paisagens galegas, descreve com maestria os rios, as pontes, os lírios, os castanheiros, os carvalhos. Retrata-se na tessitura dos seus versos uma Galiza “[...] vivida e viva, de poeta do interior, moi tocado polo coñecemento reflexivo histórico, que pensa, sinte e ama a súa terra e que transmite a sua experiencia a través das pedras labradas polos tempos e polos homes [...]” (GARCÉS, p. 150, 1988).

Orgulha-se e admira as belezas naturais da Galiza rural desde os tempos de menino: “[...] dendes que eu tiña tres anos que, acarranchapernas do pescozo do meu pai, os meus ollos quedaban abrouxados diante da enorme paisaxe que me ofrecían as ribeiras de Pesqueiras” (GARCÍA, 1988, p. 7). São as recordações destas mesmas ribeiras que instigam no sujeito lírico o desejo de se reencontrar com aquele passado:

XIX

Ao baixar para Pesqueiras
 polo camiño empedrado,
 vou repetindo as pisadas
 dos meus antepassados.
 (GARCÍA, 1988, p. 48).

Consciente da exuberância e da sedução que a terra exerce sobre o ser-homem e o ser-escritor, um sentimento telúrico aflora e, conseqüentemente, homem e terra não se separam, “home e terra, conxugados, formam a dimensión e a medida mais ampla e fondal de tódalas cousas” (GARCÍA, p.7 1988).

No poema *Os castiñeiros*, o eu-lírico expressa a sua gratidão à arvore que atende as necessidades vitais do povo galego, já que o seu fruto era a base da alimentação das populações serranas, na Península Ibérica. Além de ser o ingrediente principal no preparo de várias receitas, sua boa madeira a engrandece, sendo utilizada na carpintaria para a construção de casas e combustível para as lareiras aquecerem os rigorosos invernos:

Gracias à vosa castaña,
 podemos comprender
 a nosa terra
 e nela estar e ser,
 como un amador,
 para amala e defendela.

En todo estades presentes,
 para darnos fermoso dote,
 na fartura da bulloada
 e na perfumanza do pote.

Abrigo e sostén de casa;
 fortes vigas e pontóns
 amparan teitos e soidades,
 mentres quéimase a brasa.

Bendito sexades castiñeiros
 por ampararnos na lareira,
 por darnos outra castañeira
 para ir pasando os invernos.
 (GARCÍA, 2005, p. 212)

Os carvalhos também perpassam os seus versos. São consideradas árvores robustas, longevas, majestosas. No poema *20 de febrero de 2003*, García metaforiza a Galiza utilizando a figura do carvalho.

Estes meus carballos definen nación.
 Os coñezo só por súa potencia suntuosa,
 mais eu pretendo, no que sei,
 abrir camiño cara os seus abrentes.
 Estes carballos foron humillados cando ardfan
 para distinguir seu berce de súa brasa.
 [...]
 Un carballo, despois dous e mais douscentos,

en simetrías lentas e contrastadas,
acomodan carballal, devesa e mais bugallo,
na xenial orfandade que nos deprea.
Galicia, unxida nos chouzaís por ser nación,
rexo carballo removendo a consciencia que nos doe.
(GARCIA, 2005, p. 90).

Para a Galiza, esta árbore é sinónimo de forza, resistencia e pureza, ou seja, “define nación”. Sua figura é tematizada, neste poema, politicamente contra Castela, contra a situación destrutiva pola que pasou o pobo galego. Numa atitude máis crítica e social, o eu-lírico opta por “abrir camiño cara os abrentes” e revelar que os “carballos foron humillados”. Os “carballos” poden representar todo o pobo galego que, durante a Guerra Civil Española e o Franquismo, foi humilhado, massacrado por un goberno que almejava unha España unificada a calquera custo.

A Guerra Civil Española durou tres anos (1936-1939) e o período ditatorial de Franco foi de 1939 a 1975, deixando marcas que non se apagan: “Un carballo, despois dous e máis douscentos, / en simetrías lentas e contrastadas, / acomodan carballal, devesa e máis bugallo”. Porén, temos a imaxe de unha Galiza resistente e que non se curva perante a barbárie, representada como un “rexo carballo removendo a consciencia que nos doe”, sempre na defensa do seu pobo.

Na poesía de García, tamén, opera-se un constante e intenso exercicio de contemplación á natureza. Alén de contemplación, as imaxes dos ríos, dos montes, das árbores imprimen unha relación intimista con as experiencias do suxeito, tornando-se vitais para a súa esperanza, fortaleza para o seu estar no mundo. No poema *Outeiro de Podente*, o eu-lírico admira os “piñeiros e xesta altiva”:

Ollo ao Outeiro de Podente
con piñeiros e xesta altiva
onde a noite é transparente
onde está de loito o día.

Ollo o penedo no alto cume,
e traéme moitas lembranzas,
soamente no seu arume
sosteño a miña esperanza.

Perto das toxoiras en flor,
está o meu corpo sedento;
o meu futuro está na dor
e a miña ledicia no vento.
(GARCÍA, p. 68, 2005).

A ligação profunda e visceral entre García, a sua terra natal e a natureza pode ser explicada, uma vez que ele “concede especial atención á toponímia, á que lle presta sempre e en todos os seus poemarios espaciais ou territoriais unha grandísima relevancia” (TORRES, 2015, p. 308). A fim manter os sinais de identidade populares e galegos, o poeta conserva os nomes dos lugares, bairros, prados, lagoas, rochedos como uma rede comunicativa que une e vincula a terra àqueles que nela habitam.

2. A violência

Em um mundo de opressão, de violência desmedida, de preconceitos, resistir é um imperativo. No âmbito dos estudos literários, a resistência é tratada de forma conflitiva, pois é vista por alguns como um conceito que enfraquece a potencialidade da crítica literária, supostamente voltada aos aspectos formais, desconsiderando as questões temáticas que guiam e fundamentam a criação artística.

Literariamente, os aspectos éticos e estéticos se complementam. Quando Bosi (2002) destaca que a resistência “é um conceito originariamente ético e não estético”, não se está buscando distanciar-se do estético, mas sim apontar a direção para a responsabilidade do aspecto ético, a fim de que a arte se faça presente nos momentos em que resistir é urgente, uma vez que se vive em um mundo de opressão, de realidades conflitivas, na qual imperam a ignorância, o ódio, as atitudes mais hostis.

O movimento da esfera ética para a estética é possível quando os escritores exploram “uma força catalisadora da vida em sociedade: os seus valores”, os quais levam os sujeitos a interferir na sociedade, julgando-a e lutando para alterá-la, afastando e combatendo os antivalores (BOSI, 2002, p.120).

Os valores, força propulsora das ações do homem-escritor, existem de modo intenso, assim como os antivalores. Os poetas, conscientes de sua inserção social, “captam e os exprimem mediante imagens, figuras, timbres de vozes, gestos, formas portadoras de sentimentos que experimentamos em nós ou pressentimos no outro” (BOSI, 2002, p. 120). Munidos de valores e conscientes dos antivalores, das chagas abertas pela “má positividade do sistema”, os poetas estampam a realidade de suas épocas em seus versos para denunciar, ir contra o sistema hostil estabelecido e todos os atos cruéis praticados em determinados períodos, numa profunda reflexão sobre o momento histórico. A resistência cresceu e tem muitas faces: “ora propõe a recuperação do sentido comunitário perdido [...]; ora a melodia dos afetos em plena defensiva [...]; ora a crítica direta ou velada da desordem estabelecida” (BOSI, 2000, p.165).

A história sempre foi permeada pelo tema da violência e transposta em temas literários tanto em prosa quanto em poesia ao se denunciar “a conquista, a ocupação, a colonização, o aniquilamento dos índios, a escravidão, as lutas pela independência, a formação das cidades e dos latifúndios, os processos de industrialização, o imperialismo, as ditaduras...” (PELIGRINI, 2005, p. 134).

A violência está associada à estrutura de poder na sociedade, sendo, portanto, resultante do desequilíbrio entre os fortes e os fracos. Quem é violento age diretamente sem considerar quaisquer outras ordens. É a força bruta instrumento direto na violência: “se quero, tomo; se desejo, estupro; se não possuo, roubo; se odeio, assassino; se sou contrariado, espanco” (MATTA, 1982).

No caso da poesia, a violência está presente, tendo foco principal a experiência social. Ao entrar em contato com a poesia de Xosé Lois García, o conflito homem e mundo se torna evidente. O mundo é visto, é percebido a partir de suas contradições e o poeta engajado o recusa em todo o seu anti-humanismo absurdo, embora viva neste mundo. Assim, “a poesia é, em resumo, uma espécie de alívio, de refúgio, de onde o poeta critica o mundo mecanizado que constantemente o agride” (PEIXOTO, 1981, p. 145).

A repressão, as ameaças, as agressões, a submissão do povo galego a situações de medo e de horror foram ações de um governo que queria defender os seus ideais políticos a qualquer custo durante a Guerra Civil Espanhola e a ditadura franquista. E García não foi alheio à dor humana gerada pela violência da repressão. Com uma poesia contestadora e de crítica social, denuncia diretamente a violência contra os opositores do governo franquista, contra a classe trabalhadora, contra a natureza, contra as guerras ocorridas além Galiza.

No poema *Homenaxe a Salvador Puig Antich*, a denúncia está diretamente atrelada à crueldade dos militares durante o regime franquista:

Poder sañado con tricorne e machada
con víctores ao fratricidio perfecto,
tallando os horizontes dun proxecto
nesa Tiranía de Providencia Sagrada.

[...]

O garrote dun Caín histórico e infame
asasinoute na súa violencia tenebrosa
e amedentrounos no tiro e no arame.

Esa vítima para sempre será moi nosa
e dela necesitamos o eco que nos chame
cos seus beizos de pólvora e de rosa.

(GARCÍA, 2007, p. 141-142)

Os versos acima representam a ação violenta cometida pelos militares franquistas contra o anarquista Salvador Puig Antich, executado no garrote vil, em março de 1974, após ser julgado e considerado culpado pela morte de um guarda civil, em Barcelona.

Logo na primeira estrofe, o eu-lírico afirma que a morte de Antich se tratou de uma traição. Com sede de vingança, o Estado Espanhol não poupou a vida de um cidadão seu e cometeu um “crime de Estado”, um “fratricídio perfecto”. A fim de reforçar a ideia de traição, Espanha é comparada, na segunda estrofe, ao “Caín histérico e infame”, aludindo aos personagens bíblicos Cain e Abel. Essa referência é bastante significativa, pois Cain é a pessoa que não aceita as leis divinas, rebela-se contra Deus e se levanta contra o seu próprio irmão Abel.

Outra vítima do regime franquista foi Federico García Lorca, poeta espanhol assassinado no primeiro mês de Guerra Civil Espanhola, em Viznar, na província de Granada. Com o “luar na caluga”, foi assassinado pelas costas, preso a uma árvore de oliveira, próximo a um córrego. Foi um poeta que usou os seus versos para denunciar a política de um império que sempre foi contrário aos menos favorecidos da sociedade espanhola: os judeus, os negros, os ciganos, os homossexuais. Causando incômodo aos poderosos, foi dizimado, tendo a lua como testemunha. Em *Seis lúares tristes para Federico García Lorca*, há a representação do silêncio forçado, tão comum nas guerras e ditaduras:

Alta e fermosa luz
 escava pedra no vidro
 ausencia de labaradas
 dunha noite no Vilar
 e a Lúa remoe musgo
 en pingas de soidade.
 [...]
 Ai meu irmán afogado
 levas o luar na caluga,
 [...]
 fálache Federico García,
 o que mataron con insidia,
 en Granada de cómaros verdes.
 A lúa dos teus cabelos
 Enxuga profanadas bágoas.
 [...]
 É a lúa bebendo sombras
 en murchas oliveiras.
 [...]
 (GARCÍA, 2007, p. 194-198)

García é um poeta que dirige o seu olhar além Galiza, pois além das suas fronteiras a guerra também existe e ele não permanece indiferente e denuncia as ações violentas dos Estados Unidos contra o Iraque, em 2003. Com o propósito de defender os interesses nacionais, Estados Unidos aniquilou a vida de milhares de iraquianos inocentes. O poema *2 de abril de 2003*, deixa nítido o sentimento de repulsa do eu-lírico que retrata a ferocidade do “imperialismo ianque, que non dubida en converter a todos os pobos e cidadáns do mundo en reféns e vítimas da súa tolemia belicista” (TORRES, 2015, p. 283).

Nos versos que seguem, as imagens estarecedoras do Smaín Alin, 12 anos, quem perdeu “toda a súa familia”, quem teve “a dispersión de membros” em um dos ataques americanos, tornando-se mais uma vítima inocente retratada nas páginas sangrentas dos jornais pelo mundo afora:

*O neno Smain Alí de 12 anos
perdeu os brazos e a toda a súa familia.
Así comunicaron os xornais a dispersión de membros,
con foto de amputación de membros orixinais.
O corazón impresionado escudriñaba páxinas
mentres Smain retraíase no rectángulo do misterio.
O principio da catástrofe en súas latitudes,
na perversion do que se escoita e non se olla.
Cicatricen no neno bagoas que se perden,
mentres a besta imperial lambe súas inmundicias.
[...]
(GARCÍA, 2005, p. 131)*

A temática da violência em García não ocorre somente em contextos de guerras e ditaduras. Em seus versos, a luta pela vida, pela dignidade humana, pela liberdade também está presente. Nesse contexto, a violência está associada à perda de sensibilidade nas relações políticas e sociais, potencializadas pelo autoritarismo de determinados grupos sociais sob a apresentação de cenas de opressão e de exploração, resultando em situações infaustas.

A fragilidade e o sofrimento do homem explorado, oprimido, seja ele galego ou não, são representados em uma das cantigas da obra *Cancioneiro de Pero Bernal*, obra na qual García buscou reviver o seu passado medieval pensando de forma dialética o mundo em que vivia (MOURA, 2009):

Home rico nunca traballaches ren,
os servos fiséronche moito bem.
Ai infanzón infanzón
que farás sen o teu peón.

Home nugalla que ben estás a vivir,
Arreo dos que obligas a servir.
Ai infanzón infanzón

que farás sen o teu peón.

Home guerreiro, dono de bispados,
 á conta de pobres e seus traballos.
 Ai infanzón infanzón
 que farás sen o teu peón
 [...]
 (GARCÍA, 1988, p. 26)

Estes versos representam a desigualdade econômica desde o período medieval até os dias de hoje em nossa sociedade. Por meio da ação eu-lírico, o poeta opõe-se a qualquer forma de exploração, posicionando-se contra a sociedade capitalista burguesa, detentora de todo poder, de grandes propriedades de terra, de autoridade, de cultura, representada claramente pelo “home rico”, quem esmaga a classe trabalhadora. Esta última encara o trabalho árduo, muitas vezes em condições precárias para, no final, receber valores irrisórios para sobreviver, representada pelos “servos”, pelo “peón”. Eis a expressão clara do desequilíbrio social e do confronto entre as classes sociais.

A violência contra a natureza também faz aflorar no homem poeta a indignação, a revolta e, ao mesmo tempo, a nostalgia de tudo aquilo que um dia foi esplendoroso e belo e que hoje, devido à ação brutal do homem, não é mais. A obra *Remitencias*, composta de 86 poemas é

“a crónica da tan brutal como despiada explotación, feita en nome do ‘progreso’, do falso progreso que dendê sempre invocan as voraces minorías capitalistas e gubernativas para roubar e saquear as vidas e propiedades das indefensas maiorías labregas e traballadoras” (TORRES, 2015, p. 322).

Como vimos no início, o poeta cresceu com os olhos voltados às lindas paisagens galegas, valorizando tudo aquilo que dela provinha. Porém, estas mesmas paisagens contempladas quando menino, foram algo do governo franquista em agosto de 1958, quando do desenvolvimento de um grande projeto: a construção da represa de Belesar. Para este empreendimento, o curso do Rio Miño foi desviado, resultando na inundação de uma área de mais de 2.000 hectares ao largo de 50 quilômetros, desde a localidade de Chantada até a de Portomarín. Mais tarde, a represa foi esvaziada e, com isso, os lugares que um dia haviam sido tomados pela água ressurgiram em forma de “xélido lodo sapiencial” (GARCÍA, 2013, p. 20), um lodo que veio para reafirmar o poder das ações destrutivas do governo franquista a fim de obter lucros.

Na área devastada, além de “xélido lodo”, aparece a “terra partillada”, terra que com a ausência de vida vegetal ficou desertificada. Inúmeras espécies de plantas e de

animais foram dizimadas. Ao passar pela localidade de Mourulle, García percebe a presença de uma cepa que, sem vida, resiste a fim de denunciar “quen a inundou”:

Como nunha illa invocada por Safo
a cepa persiste tolerando agravios;
aproximándose a quen a inundou,
máis ninguén restituiu o seu salario.
De Baco agarda conspiración no acio
de fogado clima que a fai resistir.
A cepa en terra partillada agarda
invocación obstinada de tantos xestos,
en todo o que no río non se reprega.
(GARCÍA, 2013, p. 94)

Além da cepa, o castanheiro, árvore tão exaltada pelo poeta, também sofre com a destruição advinda de um “ser perverso con ditados de sátrapas”, que afoga a “vida de útiles árbores”:

Percibo ese candor de souto esmorecido
só cando elevo a cabeza e sempre atino
que nesas caracochas hai vida xenerosa
[...]
Ser perverso con ditados de sátrapas
cos que afogan vida de útiles árbores.
Neste souto, eu confírmome redimido,
no clamor e no lamento da servidumbre,
neste insurrecto e antiquísmo arboredo.
(GARCÍA, 2013, p. 144)

Na construção de represas, além do imensurável impacto ambiental, há o impacto social. As pessoas que viviam nas mediações entre Chantada e Portomarín tiveram que abandonar os seus lares, desintegrando-se da comunidade há muito tempo formada. O poeta não desvia o seu olhar do responsável de toda devastação, Pedro Barrie de la Maza, fundador da empresa FENOSA que estava à frente do projeto, adjetivado de “un puto ditador, señor dos pantanos” que “na súa esclerose [...] útil e desentendida do Código Civil” anulou “terra fértil, palabra e froito” (GARCÍA, 2013, p. 16). Os detentores de todo poder anularam a riqueza natural da Galiza e “o pobo da historia” (GARCÍA, 2013, p. 184) em nome do capitalismo.

Temos, portanto, o retrato de uma realidade conflituosa e opressiva, formada por seres que se consideram superiores em relação a todos os outros que coabitam o mesmo espaço, a mesma comunidade, o mesmo país, as mesmas belezas naturais, causando danos irreversíveis em busca do poder.

3. A língua

Violência física, exploração, opressão não bastaram para confirmar que o domínio do povo galego estava nas mãos dos espanhóis. Ignorando as diferenças linguísticas e culturais, foi imposta, como língua oficial, a castelhana. E Xosé Lois García se levanta numa atitude de resistência contra o esmagamento e a desvalorização da preciosa língua para o povo galego, da sua língua materna, da língua dos seus antepassados, língua que outrora, entre os séculos X e XV era muito prestigiada e utilizada por todo o povo.

A partir do final do século XII, a língua falada desenvolveu-se como língua literária, processo que se estendeu até 1350. A literatura desta etapa é denominada de literatura galego-portuguesa, devido à unidade linguística entre Galiza e Portugal, regiões que mesmo estando separadas, não tinham, ainda, a sua unidade linguística e cultural afetada.

Aos poucos, a língua galega por excelência foi perdendo o seu espaço, reduzindo-se à modalidade oral, coloquial e rural e a língua castelhana, imposta pelos reis de Castela, foi tornando-se língua única, por meio de uma política centralizadora.

No ano de 1906, surgiram as Irmandades da Fala, organizações que trabalhavam em prol da defesa da cultura galega e pela co-oficialidade do galego e do castelhano. Legislativamente, o reconhecimento do galego como língua oficial era para ser concretizado com a aprovação do Estatuto de Autonomia, votado em 1936, porém, devido à eclosão da Guerra Civil Espanhola, tal aprovação não ocorreu.

Nesse contexto, de 1936 a 1939 e nos quarenta anos que se seguiram, a imposição do castelhano ocorreu de forma bastante cruel. Aqueles que defendiam o uso do idioma eram fuzilados pelos militares franquistas como, por exemplo, o ativista político Xaime Quintanilla, o editor Ángel Casal, o pintor Camilo Díaz Baliño (RODRÍGUEZ, 1994, p. 16 *apud* TORRE; SILVA, 2016, p. 17). Quando não eram mortos, eram forçados ao silêncio e ao abandono dos seus ofícios, como ocorreu com o ex-deputado galeguista e escritor Ramón Otero Pedrayo, ou ao exílio como o escritor Afonso Rodríguez Castelao, quem passou pela União Soviética, Estados Unidos, Cuba e Buenos Aires. Este último, não teve a sua voz calada, pois por onde andou continuou denunciando os horrores da ditadura de Francisco Franco.

Assim, crescia o menosprezo e o silenciamento da língua galega, pois os intelectuais galegos que ficaram na Galiza foram calados, reprimidos e passaram a utilizar o espanhol nos âmbitos formais. Se continuavam a usar, faziam às escondidas. Eis o retrato de uma “Castela asexando aos outros / e engolindo a tódalas Iberias” (GARCÍA,

2005, p. 305), que impõe uma língua considerada nacional, a fim de reafirmar a característica de um governo autoritário que viola os direitos e a liberdade dos cidadãos.

O governo franquista, para efetivar a sua imposição linguística, contou com a colaboração da Igreja, a qual recusou a utilização da língua própria dos galegos; dos meios de comunicação, os quais utilizavam em sua totalidade o castelhano, reduzindo o galego à anedota, ao humor; da escola, a qual tornou obrigatório o ensino do castelhano como língua principal e do galego como secundária. Em um dos seus poemas, García retrata a posição da escola:

Lémbrome, aínda, da miña escola
do campo e capela do San Ciprián
do mestre, inmerecedor de esmola,
que embrutecía aos nenos de Merlán.

Cantaba diante da pizarra ao sumar
e lembrábanos o Rei en seu Escorial
e apredíanos asneiras para soñar
coa esquizofrenia do heroe nacional.

[...]

(GARCÍA, 2007, p. 70)

A presença do “mestre, inmerecedor de esmola” que “embrutecía aos nenos de Merlán” ao impor uma única língua, bem como uma única memória, fez que com o ambiente escolar não fosse agradável e acolhedor ao menino. Atualmente, essa realidade ainda vigora, pois o mestre que “cantaba diante da pizarra ao sumar / e lembrábanos o Rei en seu Escorial”, trabalha em prol da imposição do castelhano. Em julho de 2015, em Arteixo, na Galiza, as monitoras de um centro hípico recriminaram uma menina de 10 anos de idade por se expressar oralmente em galego, dizendo-lhe que se expressava “mal” e que deveria falar em castelhano, esquecendo-se de que a língua galega foi reconhecida como idioma co-oficial pela Constituição Espanhola, em 1978:

Artículo 3

1. El castellano es la lengua oficial del Estado. Todos los españoles tienen el deber de conocerla y el derecho a usarla.
2. Las demás lenguas españolas serán también oficiales en las respectivas Comunidades Autónomas de acuerdo con sus Estatutos.
3. La riqueza de las distintas modalidades lingüísticas de España es un patrimonio cultural que será objeto de especial respeto y protección.

Nesse cenário, Xosé Lois García luta contra o apagamento da língua galega. Numa atitude de resistência, nenhum dos seus livros de versos foi publicado em língua castelhana, mas sim utilizando

[...]
 A lingua! A túa lingua! A nosa lingua!
 A fala! A fala que se fala!
 A fala no latexar da Patria!
 A fala que el, ti e mais eu
 mastigamos para que os outros a falen!
 A fala que outros negan e asoballan!
 (GARCÍA, 2007, p. 158)

García manifesta a sua consciência do valor de uma língua para a identidade de um povo. Ele rejeita a intervenção direta de Castela ao impor o castelhano, questiona os valores e as práticas da cultura dominante da qual faz parte. No poema *23 de setembro de 2003*, o eu-lírico se mostra muito convicto que “miña única lingua é a galega”:

Cicatrizados no *verbo de Castela*
 [...]
 !Longa e Castela! Lonxicua mentira!
 Terra seca con ideas interpostas.
 [...]
 prevaricadora da España sen honra.
 Cicatriz levamos do reino de Castela;
 chagas putrefactas nela respiramos
 e as axóuxeres nas vísceras replican.
 Así é a longa Castela amendrentándonos
 entre media mentira e unha estrela.
 Amo o teu verbo, Castela, ¿sabías?
 Mais miña única lingua é a galega.
 (GARCÍA, 2005, p. 305)

Está clara a manifestação da sua subversão às esferas do poder instituído por dos motivos: primeiro por não se render ao uso da língua imposta; segundo por fazer uso de um discurso de denúncia das feridas abertas deixadas no povo galego pela “prevaricadora da España sen honra”. Assim sendo, resiste-se à condição de uma sociedade galega marginalizada, desafiando-se frontalmente a soberania espanhola.

4. O amor

A poesia de García não é somente de denúncia social. Em muitos poemas percebem-se os traços de ternura, de amor, de afeição. O poeta engajado nas lutas políticas e sociais não exclui o poeta que sente e fala do amor à família, aos amigos, à natureza, aos animais.

Em muitos momentos, o poeta se perde nas lembranças de uma realidade cheia de nuances políticas e sociais e recorda dos momentos em que passou com mãe Manuela Fernández Méndez. Mulher experiente, conselheira, conhecedora das “cousas da vida” sabia cultivar a pureza e o sorriso do menino, como se buscasse amenizar a aspereza da vida:

Nistas mesmas pedras
 lembro as túas verbas, mai.
 Nistas mesmas horas,
 falacha-mes das cousas da vida,
 eu a sorrir cas túas palabras
 como se as nosas andanzas
 non fosen as bágoas dun manancío.
 (GARCÍA, 1988, p. 71)

Assim como a mãe, o pai também tem espaço em suas linhas poéticas. No poema *22 de setembro de 2003*, o poeta evoca o pai José García Vázquez, “un home singular cuxa vida ficou lastrada por unha leve diminución mental e condenada polas miserias e privacións da época que le tocou vivir” (TORRES, 2015, p.11), e relembra dos saberes, das dores e das alegrias compartilhadas no “círculo da lareira”:

Meu pai contábame contos de tilderetes,
 de choupanas vellas, de cachopas e neves.
 Sempre os contaba sobre o círculo da lareira,
 cando a cachopa ardía e o tilderete espelía alas
 porque a neve entregaba seus ismos ao lume verde.
 A lareira convertíase en lume de crepúsculos,
 entre flamas e borrallos que de lonxe volvían,
 porque os faunos repetían inverno na labarada.
 (GARCÍA, 2005, p. 304)

Teresa, sua esposa também transita em seus versos. O poema *XXXIII*, da obra *Aquarium*, de temática amorosa, é dedicado a ela. O eu-lírico revela à amada o quão importante ela é para a sua vida. O amor se concretizou com a sua presença: “eu era unha arbre esmorecida / na soedade tebegrosa dun deserto”. O amor tornou-se próximo, tátil: –“no meu corpo áredo / instauraches a idade da auga / e os meus ríos desfiaron / prá o teu corpo feiticeiro”. Teresa foi sua fonte de inspiração: “medrou en mín o verdor dunhos poemas” (GARCÍA, 1982, p.79).

Seu único filho, Hugo, inspira os versos do poema *8 de abril de 2003*. O eu-lírico confessa colocar toda a sua emoção nestes versos a fim de comemorar os “15 anos multiplicados en ledicia”. Sente-se orgulhoso em contemplar o filho crescido, “medrando

como un amieiro”, forte e resistente. Retrata-se um amor paternal que vem sendo nutrido diariamente de forma desmedida, um amor responsável por, há 15 anos, ser a luz dos seus dias:

[...]
 Xusto 15 años, meus ollos acordaron da nebulosa,
 mesmo o teu rostro consumia as miñas pálpebras.
 Fuches medrando como un amieiro,
 como retortas de río apuraches teu cântico.
 (GARCÍA, 2005, p. 137)

Em suas linhas poéticas, alguns amigos que o acompanharam e o fortaleceram em épocas difíceis da sua história foram dignos de homenagem. Exemplo deste amor fraterno está nos versos dedicados a Manuel María, poeta, conferencista e ativista político nacionalista que, assim como Xosé Lois, amava a Galiza e a poesia, lutava pelos direitos das classes populares, pela recuperação nacional galega e pela defesa do tão valioso idioma galego.

I

As palabras en movemento repiten os xemidos
 de quen as pariu en parto ignoto e doloroso,
 así naceu a luz da lingua sen privilexios
 mais con espírito inventivo e sen enxeños.

[...]

Prodixioso argonauta rescatando náufragos
 varados do desorde dunha gruta sen árboas,
 no mar maior violenta néboa sobre a lingua.

O remador persiste coa memoria na palabra;
 Galiza existindo na lingua de quen a fala,
 Manuel María patrón maior da nosa confraria.
 (GARCÍA, 2007, p. 175)

A forma com que o poeta traduz os sentimentos pelos amigos também está presente ao tratar da natureza, dos animais, os quais são seres superiores na beleza e na perfeição:

Vai e ven, ven e vai do ceo ao chan,
 raíña e señora das acrobacias,
 alas de tempo, espiral de silencio.

A andoriña vai e ven
 do corazón ao alén.
 (GARCÍA, 2005, p. 232)

Nos versos acima, contempla-se a andorinha, ave migratória que chega sempre na primavera. Devido aos seus movimentos, o eu-lírico a adjetiva de “raíña e señora das acrobacias”. Além dos seus movimentos, há a contemplação da sua liberdade, pois mal pousam e logo se vão “do corazón ao alén”.

Muitos são os poemas que descrevem a família, os amigos, a natureza, os animais com afabilidade, os quais vêm confirmar o seu amor firme e duradouro, assim como a presença de tudo aquilo que foi bom, útil, generoso e que deixou saudade.

Em meio ao caos, ao ódio desenfreado, encontramos no afeto, nas palavras de amor uma forma de resistência e uma luta diária que precisa ser potencializada em nossa sociedade, a qual se mostra muitas vezes como desumana, desigual e violenta.

Conclusão

Xosé Lois García é um poeta singular. De diversas formas se posicionou politicamente em épocas difíceis da história da Galiza. Por meio de sua palavra poética, assume a posição de um sujeito porta-voz marcado por uma ideologia de esquerda, característica que o inscreve na tradição da literatura engajada com as causas políticas, econômicas e sociais (DENIS, 2002).

Nessa perspectiva, García se apropria de fatos políticos, do cotidiano, como artefato para as suas criações e, pela sua sensibilidade estética, insere o leitor em um universo de reflexões sobre os problemas recorrentes na sociedade. Embora o poeta constitua um universo poético sensível esteticamente, não se trata de uma obra separada do mundo, gratuita, desinteressada, retirada da vida social e histórica.

O escritor se manifesta a partir de um espaço de lutas e de resistências. Em suas linhas poéticas, materializam-se a Galiza, a sua terra-pátria, espaço no qual observou a realidade hostil a que esteve submetido o seu povo, relacionado aos anos de guerra e de ditadura. Logo, é digno que em seus poemas apareçam personagens como os oprimidos, os proletariados, as pessoas simples, os camponeses explorados, as vítimas dos mais variados tipos de violência, a tentativa de aniquilação da amada língua galega, a destruição da natureza.

Em suma, o conjunto da obra poética de Xosé Lois García é de elevada qualidade estética, plena de luta e resistência política e vinculada à vida social à história real, apresentado de forma dura e frontal, mas ao mesmo tempo de forma lírica e terna por uma poeta que ama a sua terra e o seu povo.

Referências

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BUADES, Josep M. *A Guerra Civil Espanhola*. São Paulo: Contexto, 2013.
- DENIS, Benoit. *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*. São Paulo: Edusc, 2002.
- ESPAÑA. Constituição (1978). *Constitución Española*. Madrid: Catálogo de Publicaciones de la Administración General del Estado. Disponível em <https://www.boe.es/legislacion/documentos/ConstitucionCASTELLANO.pdf>, acesso em 20 agosto 2016.
- GARCÉS, Miguel González. Prefácio. In: GARCÍA, Xosé Lois. *Poemas de Andar e ver*. In: _____. *Tempo Precario*. A Coruña: Edicións do Castro, 1988.
- GARCÍA, Xosé Lois. Cancioneiro de Pero Bernal. In: _____. *Tempo Precario*. A Coruña: Edicións do Castro, 1988.
- GARCÍA, Xosé Lois. *Do Faro ao Miño*. Braga: Frouseira, 2005.
- _____. *Aquarium*. A Coruña: Edicións do Castro, 1982.
- _____. *Kalendas*. Galicia: Edicións Xerais, 2005.
- _____. Abrilsonetos. In: _____. *No sangue dos bardos*. A Coruña: Toxosoutos, 2011.
- _____. *Remitencias*. Lugo: Xermolos, 2013
- _____. Merlán. In: _____. *Tempo Precario*. A Coruña: Edicións do Castro, 1988.
- Objetiva, 2001.
- MATTA, Roberto. *Violência brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MOURA, Andityas Soares de. *A letra e o ar: palavra-liberdade na poesia de Xosé Lois García*. Lisboa: Universitária, 2004.
- PEIXOTO, Sergio Alves. *Mario Quintana: poesia e violência*. In: Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien, n°37, 1981. Disponível em https://www.persee.fr/doc/carav_0008-0152_1981_num_37_1_1581. Acesso em 19 jan. 2021.
- PELEGRINI, Tânia. As vozes da violência na cultura brasileira contemporânea. *Crítica Marxista*, São Paulo, v. 1, n. 21, 2005, p. 132-153. Disponível em: http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/critica21-A-pelegrini.pdf. Acesso em 19 jan. 2021.
- TORRE, Matías Rodríguez; SILVA, Xosé Manuel Baamonde. A repressão franquista na língua galega. A desfeita de uma realidade linguística, cultural e nacional. *Caracol*,

São Paulo, n. 11, p. 10-37, jan./jul. 2016. Disponível em

<http://www.revistas.usp.br/caracol/article/view/118327>, acesso em 10 agosto 2016.

TORRES, Camilo Gómez. *De rebeldias, sonhos e irmandades*. Notícia de Xosé Lois García. Lugo: Xermolo, 2015.